



II Encontro de Iniciação Científica e Tecnológica  
II EnICT  
ISSN: 2526-6772  
IFSP – Câmpus Araraquara  
26 e 27 de Outubro de 2017



## O QUE É O SER? ENTRE O FLUXO CONTÍNUO DE HERÁCLITO E A RÍGIDA IMOBILIDADE DE PARMÊNIDES

Nataly Raquel Camargo Freitas<sup>1</sup>

Área de conhecimento (Tabela CNPq): História da Filosofia 7.01.01.00-0

**RESUMO:** Desde o nascimento da Filosofia se coloca, já de maneira clara e muito bem desenvolvida, a questão acerca do conhecimento humano. De um lado, ele se alimenta das mais variadas informações que tocam os cinco sentidos, de outro lado ele se manifesta na forma de conceitos que tocam a razão. Como então conciliar os dois âmbitos? Os objetos de nossos sentidos são singulares, transitórios e instáveis, já os de nossa razão são universais, eternos e permanentes. A busca em fazê-los convergir que marca, em certa medida, a história da filosofia, já se encontra extremamente elaborada nas obras de Platão. Ainda antes, dois autores pré-socráticos haviam formulado os lados constitutivos da questão: enquanto Heráclito enfatiza o fluxo contínuo de todas as coisas em relação com os sentidos, Parmênides enfatiza a rigidez intrínseca ao ser de acordo com as exigências lógicas da razão. O trabalho tem como base o estudo desses dois autores no sentido de introduzir e analisar os elementos envolvidos na questão acerca do conhecimento humano.

**PALAVRAS-CHAVE:** fluxo; razão; sentidos; ser.

### INTRODUÇÃO

Uma introdução à filosofia coloca a tarefa de considerar as questões fundamentais com as quais ela se ocupa ao longo da história. Dentre tais questões, uma das mais relevantes consiste na tentativa de conciliar os dois âmbitos do conhecimento humano: o âmbito dos sentidos, que nos oferece objetos em incessante mudança, com o âmbito da razão, que nos oferece objetos em uma identidade estática. O olhar e a análise de ambos, delimitando os caracteres que lhe são específicos, alicerça o bom entendimento dos grandes sistemas filosóficos.

Com efeito, a simples tentativa de conciliar os dois âmbitos do conhecimento humano já indica existir não só diferença mas ainda certo antagonismo entre eles. Assim, o âmbito dos sentidos é o da mudança e o do movimento, o âmbito da razão é o da identidade e o da permanência; enquanto um estabelece contato com o singular, o outro estabelece contato com o universal. No limite, nos é dado então não só distinguir mas mesmo opor os dois âmbitos do conhecimento humano na medida em que seus objetos apresentam características contrárias entre si.

À distinção de natureza entre objetos corresponde a distinção de natureza no interior do sujeito: o homem conjuga o uso dos sentidos, que o situa no mundo da experiência, com o uso da razão, que o situa no mundo do pensamento. Conciliar os dois âmbitos do conhecimento significa assim conduzir os dados dos sentidos à síntese da razão, unir a experiência com o pensamento. Questão central na história da filosofia, e que já se encontra plenamente formulada e debatida entre os antigos Platão e Aristóteles, cada um desenvolvendo soluções originais acerca do assunto. Mas ainda antes de se chegar a tais construções grandiosas, a questão já se colocava, de maneira embrionária é verdade, entre os filósofos denominados pré-

---

<sup>1</sup> Estudante do 2º ano do Curso de Informática Integrado ao Ensino Médio, Bolsista PIBIFSP, IFSP Campus Araraquara, natly.raquel3950@gmail.com.

socráticos. Com efeito, vários estudiosos identificam na filosofia de Platão a tentativa de harmonizar as visões divergentes, embora parciais, de Heráclito e de Parmênides.

Quais são as visões de tais filósofos, e em que sentido divergem? Como o antagonismo entre os âmbitos do conhecimento humano, o dos sentidos e o da razão, se configurou no início da filosofia? Nosso objetivo é entender esses e outros aspectos envolvidos nas visões de Heráclito e de Parmênides como forma de introduzir conceitos fundamentais à compreensão das questões tratadas em filosofia.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sobre Heráclito nos interessa investigar, com base no conjunto dos fragmentos que restaram e em estudos de alguns autores renomados, as implicações contidas na ideia do fluxo contínuo de todas as coisas<sup>2</sup>. Para o momento, valer destacar resumidamente três: a mais imediata reside em afirmar a mudança incessante da realidade como um todo. Assim ocorre devido à troca contínua de substância em cada ser no universo, lhe retirando qualquer chance de identidade. Nada se mantém igual a si mesmo, nem ao menos em dois instantes consecutivos da existência. A segunda implicação reside em esclarecer os limites da mudança de acordo com certos pares de opostos: as coisas assumem formas diversas que se estendem de um extremo a outro, como bem atesta o seguinte frag.: “*As coisas frias se aquecem, e o que é quente esfria, o molhado seca, e o ressequido umedece.*” (BURNET, 2006, p. 154). Por fim, a terceira implicação reside em sustentar a *unidade* subjacente aos contrários que, em oposição mútua, manifestam a tensão constitutiva da realidade. Mas o que se mostra aparentemente separado é, na verdade, uma só e mesma substância denominada *fogo*. Segundo Burnet, a escolha do fogo se justifica devido a alguns motivos:

A quantidade de fogo numa chama que arde ininterruptamente parece manter-se a mesma; a chama parece ser o que denominamos uma "coisa". No entanto, sua substância modifica-se continuamente. Está sempre desaparecendo na fumaça, e seu lugar é sempre tomado por uma nova matéria proveniente do combustível que a alimenta. (...) Se encararmos o mundo como um "fogo eternamente vivo", poderemos compreender por que ele sempre se transforma em todas as coisas, enquanto todas as coisas sempre retornam a ele. (BURNET, 2006, p. 160-161)

Desse modo o fogo concentra certas características que traduzem adequadamente a estrutura da realidade: a chama que parece manter-se a mesma traduz a sensação das coisas como relativamente estáveis; no entanto, tais coisas estão continuamente se alterando, visto que uma parte da substância que lhes pertence se esvai e, ao mesmo tempo, advém uma nova substância em substituição à anterior. Como a troca ocorre de maneira simultânea, há a ilusão de as coisas se constituírem em uma identidade, embora provisória. Além disso, tanto a fumaça que se origina da chama quanto o alimento que se introduz na chama traduzem não só o fluxo contínuo mas também a unidade de todas as coisas: do fogo elas saem assumindo formas contrárias entre si, e ao fogo elas retornam assumindo uma única natureza (mesmo se isso dure uma fração de segundo), num círculo sempre contínuo.

Sobre Parmênides nos interessa investigar, com base no conjunto dos fragmentos que restaram e em estudos de alguns autores renomados, as implicações contidas na ideia: o ser é, o não-ser não é. Para o momento, vale destacar resumidamente três: a mais imediata reside em afirmar a absoluta oposição entre ser e não-ser. Um e outro não mantém qualquer tipo de ligação entre si, quer dizer, em hipótese alguma o ser se mistura com o não-ser. As consequências daí decorrentes, quando se trata de caracterizar o ser, serão as seguintes (dentre outras): ele é obrigatoriamente eterno, imóvel e homogêneo. Com efeito, o ser verdadeiro nem começou a ser em um momento e nem deixará de ser em outro momento – nesses casos, tanto se originaria do não-ser quanto retornaria ao não-ser. Além disso, o ser verdadeiro não se move em direção alguma – “caso se movesse, teria de fazê-lo num espaço vazio, e não existe espaço vazio” (BURNET, 2006, p. 196), quer dizer, teria de fazê-lo em direção ao não-ser. Também o ser verdadeiro é exatamente igual em

---

<sup>2</sup>Segundo Burnet, embora a famosa expressão “*πάντα ρει*” (“tudo flui”) não pareça ser originalmente de Heráclito, ela sem dúvida resume de maneira adequada uma das ideias centrais de seu pensamento.

todas as suas partes, não sendo mais aqui ou menos ali – se assim fosse, estaria de certa forma misturado com o não-ser. A segunda implicação reside em estabelecer a identidade entre o ser, o conteúdo do pensamento e o conteúdo do discurso. Em outros termos, ocorre uma total equivalência entre o que é, o que o pensamento concebe e o que o discurso enuncia. O ser é na medida em que se manifesta como conteúdo de tais instâncias, e tais instâncias só encontram um conteúdo na medida em que manifestam o ser. Simetricamente ao contrário, o não-ser jamais se constitui enquanto conteúdo do pensamento ou enquanto conteúdo do discurso. Em outros termos, o que não é nem o pensamento concebe e nem o discurso enuncia, como bem atesta o seguinte frag.: “*Não podes conhecer o que não é – isso é impossível – nem enunciá-lo*” (BURNET, 2006, p. 191). Por fim, a terceira implicação reside em, uma vez aceitas as consequências decorrentes da noção de ser, relegar o mundo fenomênico ao mero estatuto de ilusão.

“O nascimento e o devir das coisas, sua separação e reunião alternadas, suas oposições, divisões, alterações, eis tudo o que Heráclito pretendia extrair da experiência direta, e tudo o que Parmênides nega em nome do raciocínio.”<sup>3</sup>

Esse breve resumo de dois dos mais ilustres pré-socráticos nos oferece os elementos iniciais no sentido de dissociar e caracterizar os âmbitos do conhecimento humano citados acima, o dos sentidos e o da razão. Em Heráclito, vemos a tentativa de conciliar o objeto instável dos sentidos com um princípio ordenador da razão (embora o mesmo princípio se contamine de feições do objeto). Já em Parmênides vemos o foco se deslocar para o mais excelente objeto da razão – o conceito de ser. As implicações que se seguem daí devem ser extraídas até o fim, ainda que o custo seja ignorar, em certa medida, o objeto instável dos sentidos. Assim, enquanto Heráclito enfatiza a incessante mudança dos seres que tocam nossos sentidos, Parmênides enfatiza a rígida imobilidade do ser que se desvela em nossa razão.

## CONCLUSÕES

Mediante a leitura dos textos originais de Heráclito e mediante a consulta de uma bibliografia de referência, etapa necessária para a introdução no estudo da Filosofia, alcançou-se não só um entendimento mais acurado da máxima heraclitiana do fluxo contínuo de todas as coisas, como alcançou-se também a efetivação de parte significativa do projeto *Introdução ao pensamento filosófico: as perspectivas de Heráclito e de Parmênides*. Com efeito, entender o significado do fluxo contínuo de todas as coisas na filosofia de Heráclito não consiste só em entender uma ideia específica e de alcance limitado, mas consiste sobretudo em entender uma das questões centrais em toda a história da filosofia, relacionada ao conhecimento dos sentidos. Na sequência, o objeto de nosso estudo volta-se para Parmênides, mais especificamente, para a máxima filosófica o ser é, o não-ser não é. Assim, enquanto Heráclito enfatiza a incessante mudança dos seres que tocam nossos sentidos, Parmênides enfatiza a rígida imobilidade do ser que se desvela em nossa razão.

## REFERÊNCIAS

BARNES, J. **Filósofos pré-socráticos**. Tradução de Julio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRÉHIER, E. **Histoire de la Philosophie: L'Antiquité et le Moyen âge**. Paris: Librairie Félix Alcan, 1928. Disponível em <<http://bibliotheque.uqac.ca/>>. Acesso em: 28 setembro 2016.

BRUN, J. **Os pré-socráticos**. Tradução de Armino Rodrigues. Lisboa: Edições 70, s/d.

BURNET, J. **A aurora da filosofia grega**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

---

<sup>3</sup> “La naissance et le devenir des choses, leur séparation et leur réunion alternées, leurs oppositions, leurs divisions, leurs altérations, voilà tout ce qu’Héraclite prétendait emprunter à l’expérience directe, et tout ce que Parménide nie au nom du raisonnement.” E. Bréhier, *Histoire de la Philosophie*, Paris, 1928, p. 50.

COSTA, A. **Heráclito**: fragmentos contextualizados. Tradução, estudo e comentários por Alexandre Costa. Rio de Janeiro: Odysseus, 2012.

SOUZA, J. **Os pré-socráticos**: fragmentos, doxografia e comentários. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

VERNANT, P. **As origens do pensamento grego**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

VOILQUIN, V. **Les penseurs grecs avant Socrate**. De Thalés de Milet a Prodicos. Paris: Garnier-Flammarion, 1964.